



# A FAMÍLIA REAL CAI NO SAMBA: INTERFACES ENTRE CARNAVAL E HISTÓRIA PÚBLICA

## THE ROYAL FAMILY FALLS IN SAMBA: INTERACTIONS BETWEEN CARNIVAL AND PUBLIC HISTORY

Phellipe Patrizi MOREIRA<sup>1</sup>

João Gustavo Martins Melo de SOUSA<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação da FFP/UERJ -- Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Rio de Janeiro. E-mail: phellipe.patrizi@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em Artes da UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: gugameloz2@gmail.com



## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo geral analisar como os enredos das escolas de samba do Rio de Janeiro: Grêmio Recreativo Escola de Samba (G.R.E.S.) São Clemente, G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense e G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel abordaram em seus desfiles os 200 anos da Chegada da Corte Portuguesa ao Brasil no carnaval carioca de 2008. Ao consideramos a importância das agremiações carnavalescas na constituição da cultura popular da população fluminense, indagamos: de que modo essas escolas dialogam com a memória e produzem releituras de fatos históricos? Como tais enredos podem contribuir na difusão desses saberes? Para tanto, mobilizam-se conceitos teórico-metodológicos produzidos no âmbito da historiografia, tais como Almeida e Rovai (2011), Bonaldo (2014), Ciambarella (2014) e Ferreira (2014) com vistas ao entrelaçamento entre carnaval e História Pública, a partir de entrevistas com alguns participantes de tais agremiações. As perguntas realizadas buscaram compreender as construções das narrativas apresentadas na Avenida Marquês de Sapucaí; os modos pelos quais os carnavalescos versaram sobre o tema escolhido e de que forma tentaram traduzi-lo por meio de suas artes e criações. Por fim, discorreremos sobre as potencialidades dos enredos das escolas de samba como expressões de uma história produzida em parcerias para um grande público.

## PALAVRAS-CHAVE

educação; cultura popular; escolas de samba; efeméride.





## ABSTRACT

The present study aims to analyze how the plots of the samba schools in Rio de Janeiro: Grêmio Recreativo Escola de Samba (G.R.E.S.) São Clemente, G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense and GRES Mocidade Independente de Padre Miguel discussed in their parades the 200th anniversary of the arrival of the Portuguese Court in Brazil at the 2008 Rio carnival. When considering the importance of carnival groups in the constitution of the popular culture of the population of Rio de Janeiro, we ask: how do these schools dialogue with memory and produce reinterpretations of historical facts? How can such plots contribute to the dissemination of this knowledge? To this end, theoretical and methodological concepts produced within the scope of historiography are mobilized, such as Almeida and Rovai (2011), Bonaldo (2014), Ciambarella (2014) and Ferreira (2014) with a view to the intertwining between carnival and Public History, the from interviews with some participants of such associations. The questions asked sought to understand the constructions of the narratives presented on Avenida Marquês de Sapucaí; the ways in which the carnavalescos dealt with the chosen theme and how they tried to translate it through their arts and creations. Finally, we discuss the potential of the samba schools' plots as expressions of a story produced in partnerships for a large audience.

## WORDKEYS

education; popular culture; Samba schools; ephemeris.





## 1. INTRODUÇÃO

Em 1808, um acontecimento marcou profundamente as relações entre o Brasil e Portugal. Pela primeira vez na história da colonização, uma corte europeia aportou em terras coloniais e passou a comandar do outro lado do Atlântico o seu império. A transposição do centro do poder político da Europa para América foi motivada pelo cenário em que se encontrava o continente europeu na passagem do século XVIII para o XIX.

O desembarque da realza em solo brasileiro se sucedeu em consequência das ambições de Napoleão de dominar o continente. No entanto, a Inglaterra, principal potência industrial da época, mantinha-se firme às tentativas expansionistas do imperador francês. Como forma de enfraquecê-la, Napoleão decretou, em 1806, o Bloqueio Continental ao país. A medida visava fragilizar as relações comerciais dos ingleses como restante da Europa.

Em meio à desordem instalada pelo expansionismo napoleônico, Portugal, um dos maiores parceiros comerciais da Inglaterra, viu-se pressionado por ambas as partes a tomar uma decisão. De um lado, a constante ameaça de invasão do país; caso príncipe regente Dom João aceitasse os comandos da França napoleônica, teria de cortar os seus vínculos com os ingleses e perder uma série de acordos econômicos de longa data. Por outro lado, se recusasse a adotar a ordem, sofreria uma invasão das tropas francesas em seu território.

Com a forte pressão dos dois lados, príncipe português decidiu então selar um acordo secreto com os ingleses como forma de preservar o domínio sobre suas colônias. Por isso, a corte portuguesa escolheu o Brasil, sua mais rentável colônia, como a nova sede administrativa do império. As embarcações lusitanas contaram com a escolta britânica na travessia do oceano, em razão disso, novos tratados foram firmados entre os países.





De acordo com o historiador Luís Norton (2008), o desembarque na Bahia apresentou-se bastante oportuno, já que Salvador carregou o patamar de primeira capital durante séculos. Logo em seguida, partiram rumo ao Rio de Janeiro, onde aportaram no dia 8 de março do mesmo ano. Com a vinda da família real para o Rio de Janeiro, a capital passou por diversas transformações num curto espaço de tempo (1808-1821), deixando para trás a condição de colônia e se firmado na condição de uma das maiores cidades do América Latina.

Passados 200 anos de tal fato histórico, iniciaram-se festejos, em algumas regiões brasileiras, em comemoração ao Bicentenário da vinda da família real para o Brasil. Os eventos se iniciaram ainda em 2007 e se prolongaram todo o ano seguinte, com mais intensidade na cidade do Rio de Janeiro, local onde a corte se estabeleceu. Raramente se viu nos canais midiáticos, tamanha repercussão de um fato histórico, propagador de debates acadêmicos e lançamentos editoriais sobre o tema, cuja ideia central retratava o processo de transformação sofrido pela cidade para abrigar a família imperial e toda fidalguia.

## **2. HISTÓRIA PÚBLICA: POR QUE COMEMORAR?**

A comemoração do bicentenário da chegada da corte portuguesa ao Brasil traz à tona uma série de lembranças e tentativas de ressignificação do passado. Ao se aproximar do modelo ocorrido no ano 2000, quando foram festejados os 500 anos do “descobrimento” do país, o Governo Federal brasileiro, com o apoio dos meios de comunicação, tentou contar para o público uma história nacional com ares laudatórios. As falas dos povos indígenas e populações negras não foram ouvidas e lembradas nos festejos.





Nesse sentido, Rodrigo Bonaldo (2014) nos faz pensar que a aliança do Estado com a mídia tem como intuito reiterar um discurso oficial, hegemônico e eurocêntrico sem se importar com as muitas vozes silenciadas no transcorrer de nossa história e que contribuíram para construção do país. A era das comemorações, portanto, “mostra-se como uma resposta do translado da memória para o lugar social, acadêmico, científico, próprio a seu estudo e dissecação analítica, mas dificilmente inclinado a seduzir-se por seus sortilégios” (p.263).

Assim, entendemos que a importância da construirmos uma história pública, tal como descrevem Juniele Almeida e Marta Rovai, “como prática do uso público da história com fins político-ideológicos, influenciados pela busca de justiça social” (2011, p.7). Iniciada por historiadores ingleses, esse método de fazer história se relaciona com as interfaces da memória e da narrativa no reconhecimento de outros olhares, do fazer junto e compartilhado. Por isso, o modo como acessamos o passado pode alimentar, nas memórias coletivas, ora a fragmentação, ora a valorização de identidades, como afirma Bonaldo (2014).

As palavras de Alessandra Ciambarella (2014) vão ao encontro dos autores citados, no que tange à influência dos veículos de comunicação no diálogo comemorativo ao exercer um papel basilar como agente social organizador e difusor de discursos históricos. A proposta governamental, perante os usos do passado, seleciona os fatos que são lembrados, uma vez que “(re) construções de memória podem ser realizadas, (re)definido e (re)elaborando imagens e discursos sobre episódios decisivos da história nacional” (2014,p. 234).





Tal como afirmou o Rodrigo Ferreira (2014), a influência dos enredos das escolas de samba é, muitas vezes, o primeiro contato com certos temas para diversas pessoas da sociedade. A circularidade desses saberes é expressa pelo autor ao afirmar que:

a representação da história de Chico Rei no carnaval de 1964 favoreceu a ampliação desse conhecimento para uma população distante da cultura popular corrente na região mineira de Ouro Preto. Semelhantemente ao que ocorreu com Cacá Diegues e sua inspiração para filmar a história de Chica da Silva, Walter Lima Júnior se recordava do desfile do Salgueiro como sendo seu primeiro contato com o tema, juntamente com as tradicionais festas de congada, quando foi convidado a filmar a história (p.125)

De acordo com pensamento de Ferreira (2014), os desfiles das escolas de samba podem representar para um amplo público uma fonte de conhecimentos históricos e culturais, visto que constroem representações dos modos pelos quais seus componentes articulam as memórias, as relações de pertencimento e suas visões perante a História do Brasil e do mundo.

Nesse sentido, Hebe Mattos e Martha Abreu relatam também o envolvimento dos componentes das agremiações tais como os dos carnavalescos, compositores, passistas em anunciaram uma narrativa pública e coletiva da História em que temos “as escolas de samba como lugar privilegiado de produção de pensamento crítico sobre a história do Brasil, local de produção de história pública no sentido mais sofisticado e abrangente do termo” (2019).

Nesses momentos de discussão coletiva, as agremiações versam sobre as histórias vilipendiadas, silenciadas e esquecidas de nossa história. O que alguns desfiles propõem são justamente o que muitos professores de história





codificam individualmente em suas aulas de aulas, no entanto, para um público menor do que o que acompanha os desfiles no carnaval.

### **3. QUE HISTÓRIA É ESSA QUE AS ESCOLAS DE SAMBA CONTAM E CANTAM POR AÍ?**

No centro das comemorações dos 200 anos da chegada da corte portuguesa ao Brasil, as escolas de samba, assim como ocorreu no Carnaval dos anos de 1965 (Quarto Centenário do Rio de Janeiro) e 2000 (marco oficial do início da colonização portuguesa), algumas se propuseram a celebrar a data em seus enredos. Historicamente, envoltas em processos de negociação com poder público em busca de sobrevivência, as agremiações aceitaram o convite do então prefeito do Rio de Janeiro, César Maia, de abordarem em seus enredos uma homenagem ao referido fato histórico.

Diferentemente do que ocorreu em 1965 e 2000, anos em que todas as agremiações concordaram em apresentar enredos temáticos sobre os 400 anos da fundação da cidade do Rio de Janeiro e os 500 anos do descobrimento do Brasil, respectivamente, apenas duas disseram sim. Foram elas: o Grêmio Recreativo Escola de Samba (G.R.E.S.) São Clemente, campeã do Grupo de Acesso A (atual Série A) em 2007, e o G.R.E.S Mocidade Independente de Padre Miguel. Ambas atrelaram a escolha dos enredos ao recebimento de um patrocínio para elaborarem seus carnavais<sup>3</sup>. Embora não contasse com

---

<sup>3</sup> Além das três agremiações pertencentes ao Grupo Especial das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, o G.R.E.S Acadêmicos do Salgueiro homenageou em seu enredo no carnaval de 2008 a capital carioca e não especificamente uma rememoração do referido fato histórico. A vinda da Família Real ao Brasil foi lembrada apenas uma pequena parte dentro do desfile. Logo nos deteremos apenas a análise das três escolas mencionadas.





a subvenção, o G.R.E.S Imperatriz Leopoldinense levou para a Sapucaí um tema ligado ao impacto da chegada da família real portuguesa ao Brasil.

Como fontes documentais do estudo, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas no em junho de 2017 com alguns participantes responsáveis pelas produções artísticas e culturais dos desfiles do carnaval carioca em 2008 das referidas agremiações. Dentre elas, destaca-se a que foi concedida por Milton Cunha ao autor deste texto, em que ele, responsável pela escrita da sinopse da São Clemente, afirmou que o desfile fora pensado como uma efeméride solicitada pelo chefe do poder executivo municipal e, devido a isso, “não podia ser tão crítico como queria. Porque, era um discurso oficial, era a voz do prefeito dizendo: vejam que lindo! Há 200 anos, recebemos a Corte de Dom João V” (2017).

Por se tratar de um discurso oficial fomentado pela instância municipal, foi solicitado às agremiações, segundo o entrevistado, para que tivessem um tom mais contido em seus desfiles: “Carnavalizar o fato histórico? O carnaval, o desfile das escolas de samba, ele não é uma aula de história, ele é uma festa, que vai narrar um fato histórico. Sapucaí na verdade é um delírio. Um delírio, que se utiliza de fatos históricos, para dançar e cantar” (CUNHA, 2017).

Por este motivo, ele se deteve a embasamento da pesquisa do enredo em diversos de livros lançados no decorrer do ano comemorativo de 2008 sobre a vinda da família real. Dentre eles, Milton destacou *As entradas régias portuguesas – Uma visão de conjunto*, de Ana Maria Alves, e a exposição similar exposta na Fundação Calouste Gulbenkian.

### 3.1. G.R.E.S SÃO CLEMENTE

Recém-chegada ao Grupo Especial, a São Clemente abriu os desfiles do Grupo Especial do carnaval carioca do ano de 2008 com o enredo





*O Clemente João VI no Rio: A redescoberta do Brasil.* Na tentativa de permanecer no grupo, agremiação de bandeira preta e amarela levou para o sambódromo uma história com toques de irreverência, com algumas pitadas de críticas, deboches e bom humor, mas não na intensidade com que a escola de Botafogo costuma se apresentar.

Ao longo dos carnavais, diversas escolas apresentam narrativas que muitas vezes consagram um estilo. É o caso da São Clemente, que nos anos de 1980 e 1990 investiu em uma sequência de enredos de crítica social. Características que são expostas na Avenida e que, segundo Milton Cunha, podem ser denominadas como uma “narrativa popular”:

Ao contrário do cinema, no teatro, do ballet, da ópera, são revestidos dessa noção clássica, grega, da coisa. Essa oitava narrativa, ela é extremamente popular e daí, a dificuldade do reconhecimento e da inclusão dela nos *cânones* universitários e acadêmicos. Será uma longa briga, mas será, e tem de ser e é uma narrativa que merece respeito, porque vinda, nascida do improviso popular, da espontaneidade popular. Ela acaba se transformando numa magnífica estrutura dramática, dramática, opulenta, porque precisa de 5 mil pessoas, não é? Ela é gigantesca! Ela é rica. Ela é barroca. Então, estabeleceu-se no improviso popular uma magnífica forma de narrar (2017).

Para o outro carnavalesco também contratado pela preta e amarela, Mauro Quintaes, a chegada da corte portuguesa, assim como diversos outros momentos marcantes de nossa história, não deve cair no ostracismo e para tal efeito, os sambas-enredos corroboram na construção de uma memória coletiva. Segundo ele, “o carnaval é um grande veículo de cultura. Então fatos históricos como a vinda da Família Real vão ficar marcadas nas cabeças das pessoas através do samba, poucos vão ter acesso à sinopse, mas muitos vão ter acesso à musicalidade imposta ali” (2017).





Certa vez, Mauro Quintaes diz que fez uma visita a um determinado museu e teve dúvidas sobre quem seria uma determinada personalidade retratada em um quadro. No entanto, ao cantarolar a letra de um samba-enredo, lembrou-se de quem se tratava. Em sua entrevista, não faltaram momentos como este, em que Mauro Quintais referiu-se ao samba como um potencial elucidativo de conhecimentos, pois, de acordo com ele, se a temática proposta está congruente com o interesse do espectador, ele possivelmente buscará maiores informações sobre o conteúdo histórico daquele enredo. “O samba é um grande canal de cultura para aqueles que não têm acesso. Seja através da letra, seja por meio das fantasias. O carnaval mobiliza a cidade, gera milhares de empregos direta e indiretamente” (2017).

### 3.2. G.R.E.S. MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL

A verde e branco de Padre Miguel, que ostenta em seu pavilhão uma estrela, optou por discorrer narrativamente sobre o mesmo episódio, mas em seu caso, elencou o florescimento sebastianismo como fio condutor do enredo. Denominado *O Quinto Império: De Portugal ao Brasil, uma utopia na História*, a escola contou na Avenida o mito em torno da figura do rei Dom Sebastião, o desejado; o desaparecimento de seu corpo na batalha Alcácer-quibir, no Marrocos, em 1578 e como essa lenda de caráter divinal chegou ao Brasil, tornando-se “quase uma religião”, como ressaltou o carnavalesco Cid Carvalho (2017).

A ideia do carnavalesco era unir as duas cortes: D. Sebastião e D. João. A primeira, realista e “material”; já a outra, fantasiosa e irreal. Contou-nos também sobre as superstições que correm até hoje pelas ruas de São Luís do Maranhão, em que há um castelo submerso do rei





Dom Sebastião que, em noite de lua cheia, emerge em meio aos lençóis em formato de um touro negro coroadado.

Cid Carvalho lembrou a viagem que fez a Portugal para a pesquisa do enredo. Lá, o carnavalesco se deparou com uma diversidade de livros e, somado às referências encontradas na internet, mobilizou-as como principais fontes de estudo na elaboração do enredo. Nesse sentido, ele destacou a importância de ser lembrado e estudado esse momento de nossa história. A Corte realizou diversas modificações para estruturar a cidade na qual viveriam por alguns anos, como ações de embelezamento urbanístico e criações de instituições tais como da Escola de Belas Artes, Jardim Botânico, Imprensa Régia, Banco do Brasil, dentre outras.

Nesse contexto, o maior espetáculo da Terra pode ser entendido como sinônimo de resistência, uma vez zela pela cultura e pela memória da cidade. Quando são apresentados na Avenida temas culturais, pode ser dado aos desfiles mais adesão junto ao público. Nesse ponto, Cid Carvalho reitera em sua fala a tese defendida neste estudo de que “ofertar ensinamento e conhecimento ao povo é a missão da escola de samba” (2017). Dessa forma, as instituições carnavalescas se configuram como pólos de irradiadores de conhecimento, de locais privilegiados de reflexões sobre a história do país e demarcando também a presença de redes de sociabilidades nos quais laços comunitários são fortalecidos.

### 3.3. G.R.E.S. IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE

De autoria da carnavalesca Rosa Magalhães, o enredo *João e Marias*, da Imperatriz Leopoldinense, em 2008, destacou as Marias em torno da figura de D. João, desde Maria Antonieta, tia-avó da Imperatriz Leopoldina,





passando por Dona Maria I, a Louca, de Portugal, e Maria Luísa, segunda esposa de Napoleão.

Ao longo do desenvolvimento do tema, a carnavalesca optou por não se restringir à figura da Leopoldina, visto que já havia elaborado em 1996, na mesma agremiação, o enredo intitulado *Imperatriz Leopoldinense honrosamente apresenta Leopoldina, a Imperatriz do Brasil*. Na visão da carnavalesca, não seria o governante português um medroso, como nos mostrava a historiografia. D.João exibia conhecimentos calculistas, estrategistas e ardilosos, diferente da imagem comumente vinculada ao príncipe regente.

Precursora na fundação de um departamento cultural, datado de 1967, a verde e branca de Ramos levou para a Avenida um enredo cujo título parafraseou o clássico infantil *João e Maria*. Dentre os temas que não poderiam faltar na efeméride destacaram-se no enredo: Maria Antonieta e a Revolução Francesa, unindo-os narrativamente à Imperatriz Leopoldina. Em razão disso, uma de suas principais fontes de informação foi o filme *Maria Antonieta* (2006) dirigido por Sofia Coppola. A artista resumiu a ideia do enredo em apenas uma única frase: “É a história de duas irmãs (Luiza e Leopoldina) e seus destinos. Filhas de Maria Teresa de Bourbon-Sicília acreditava que elas deveriam seguir os seus rumos, sem intromissão” (2017).

Em entrevista, Rosa Magalhães destacou o alívio dos brasileiros ao conquistarem a condição de capital do império, dando adeus o papel de colônia e arriscou dizer que Dom João “deve ter gostado do período em que residiu no Brasil”, embora, segundo ela, “o monarca vindo fugido de Portugal, ao chegar aqui, deparou-se com infortúnios tais como insetos, lamas nas ruas e as altas temperaturas”. Este último, conta Rosa, provocou brotoejas na pele da Leopoldina, fazendo com que





a futura imperatriz tivesse de tomar banho de sangue de galinhas em abatedouros. Já o monarca, por ter medo de se afogar, teve de tomar banho de mar usando artifícios peculiares como uma espécie de cadeira conectada a um guindaste.

Para o diretor cultural André Bonatti (2017), as escolas de samba têm possibilidade de transformar “o erudito em popular” e apresentar o conteúdo intelectual em linguagem acessível para o grande público. Ao citar o enredo da Imperatriz de 1972, intitulado *Martim Cererê*, um tributo ao poeta modernista Cassiano Ricardo, André Bonatti recordou-se da carta escrita pelo próprio homenageado para o departamento cultural em que o autor retrata o fato de o país ter se tornado independente politicamente em 1822; cultural em 1922, com a Semana de Arte Moderna; e 50 anos mais tarde, em 1972, com aquele enredo, a arte chegaria finalmente ao povo, uma vez que a Semana de 1922 penetrou nas camadas mais favorecidas da sociedade como os intelectuais, mas não na população em geral.

No que tange ao diálogo entre a escola formal e a escola de samba, o Centro Cultural da Imperatriz recebe visitas de instituições de ensino públicas e particulares em suas exposições temporárias sobre a história do Brasil contadas por meio dos enredos da agremiação, entre eles aspectos da proclamação da independência do país, entre outras narrativas. Em 2018, a escola homenageou os 200 anos do Museu Nacional, instituição esta situada no Palácio da Quinta da Boa Vista, sede da Residência real durante o período joanino. No mesmo ano do incêndio que destruiu grande parte do acervo e das instalações do Museu, o desfile da Imperatriz Leopoldinense mostrou que o carnaval pode formar redes de comunicação e trocas de saberes entre instituições.





#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos ao longo deste estudo, os desfiles das escolas de samba mostram-se em muitos casos, como meios de propagação cultural e dos usos da memória das comunidades em que se localizam suas marcas, sonhos, projetos e visões de mundo. Importante lembrarmos que as agremiações cariocas, desde o seu surgimento, constituíram-se como instituições ligadas às camadas empobrecidas da sociedade brasileira, evidenciando-se como locais de forte apelo cultural, recreativo e pedagógico para esses setores.

Podemos então compreender esse cortejo popular como uma história pública, já que envolvem profissionais, em sua maioria, não vinculados oficialmente aos corpos docentes das universidades brasileiras. O forte apelo dramático da festa não a afasta do debate historiográfico atual, já que podemos ver muitas dessas pautas atravessarem o Sambódromo carioca de forma carnavalizada, gerando discussões, debates e reflexões. Os enredos de apelo cultural e histórico podem aproximar os envolvidos a se interessarem sobre o tema do carnaval cantado, dançado e encenado por seus pares.

As narrativas apresentadas pelas escolas de samba podem ser vistas como um importante instrumento para provocar reflexões sobre os cenários políticos, sociais e culturais do país. A relação entre os dois mundos, o popular e o acadêmico, pode ter um ponto de congruência na Avenida Marquês de Sapucaí, palco principal dos desfiles das escolas de samba cariocas.





## REFERÊNCIAS:

ABREU, M. MATTOS, H. Viva o carnaval! **Conversa de historiadoras**. Disponível em: <<https://conversadehistoriadoras.com/2019/03/07/viva-o-carnaval/>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

ALVES, A. M. **As entradas régias portuguesas: uma visão de conjunto**. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

ALMEIDA, J. R. de; ROVAI, M. G. de O. **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

BONALDO, R. Um fardo do presente? O jornalista entre a história e a memória. *In*: MAGALHÃES, M.; ROCHA, H.; RIBEIRO, J, F.; CIAMBARELLA, A. **Ensino de história: usos do passado, memória e mídia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014, p.255-275.

CARNAVALIZE. **Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco**: Leandro Vieira fala sobre o enredo da Mangueira de 2018. Disponível em: < <http://www.carnavalize.com/2017/07/com-dinheiro-ou-sem-dinheiro-eu-brinco.html>>. Acesso em: 09 ago. 2020.

CIAMBARELLA, A. Nem sempre é o que parece é: cultura histórica, memórias e representações das esquerdas e da ditadura militar na televisão nacional. **In**: \_\_\_\_, 2014, p.: 310-320.

FERREIRA, R. de A. **Cinema, história pública e educação**: circularidade do conhecimento histórico em Xica da Silva (1976) e Chico Rei (1985). Tese - (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. - Belo Horizonte, 2014. 398 f.





NORTON, L. **A corte de Portugal no Brasil**: (notas, alguns documentos diplomáticos e cartas da imperatriz Leopoldina). 3ª Ed. Ilustr. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

### **Entrevistas**

BONATTI, A. **André Bonatti**: entrevista. [jun. 2017]. Entrevistador: Phellipe Patrizi Moreira. Rio de Janeiro, 2017. 1 arquivo .mp3 (56 min. e 6 segundos).

CARVALHO, C. **Cid Carvalho**: entrevista. [jun. 2017]. Entrevistador: Phellipe Patrizi Moreira. Rio de Janeiro, 2017. 1 arquivo .mp3 (18 min. e 04 segundos).

CUNHA, M. **Milton Cunha**: entrevista. [jun. 2017]. Entrevistador: Phellipe Patrizi Moreira. Rio de Janeiro, 2017. 1 arquivo .mp3 (30 min. 45 segundos).

MAGALHÃES, R. **Rosa Magalhães**: entrevista. [jun. 2017]. Entrevistador: Phellipe Patrizi Moreira. Rio de Janeiro, 2017. 1 arquivo .mp3 (16 min. e 27 segundos)

